Ao pé do manjarição.
Quebradas tivesse as mãos
E as cordas do coração,
Quando viu as carnes bellas
Derramadas pelo chão,

3

BERNAL-FRANCEZ

T. Braga, T II

(Versão Alemtejana)

«Quem bate á minha porta,
Quem bate? oh! quem 'stá ahi?
—Sou Bernal-Francez, senhora,
Vossa porta, amor, abri.
«Ai! se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir;
Mas se é outro cavalleiro,
Bem se póde d'ahi ir.

Ao saltar de minha cama
Eu rompi o meu frandil;
Ao descer da minha escada
Me caíu o meu chapim;
Ao abrir a minha porta
Me apagaram o meu candil...
Pegára-lhe pela mão
E o levei ao meu jardim;
Fiz-lhe uma cama de rosas,
Travesseiro de jasmins,
Lavei-o em agua de flôres
E o deitei a par de mim...

«Meia noite já é dada

Sem te voltares para mim;
Que tens tu, amor querido,
Que nunca te vi assim?
Se témel-os meus criados,
Não virão agora ahi;
Se témel-os meus irmãos,
Elles não moram aqui;
Se de meu marido temes,
Longes terras foi d'aqui.
Por má traça o matem moiros, [1]
E a nova me venha a mim!...
—Não temo de teus irmãos
Que bem sei que são por mim, [2]
Não temo dos teus criados
Que mais me querem que a ti;
A teu marido não temo,
E d'elle nunca temi...
Teme tu, falsa traidora,
Pois o tens a par de ti!
«Ai! se tu es meu marido,
Quero-te mais do que a mim...
Oh que sonho! tão máo sonho,
Que eu tive agora aqui!
Ergamo-nos já, marido,
Deixa-me vestir d'ahi.
—Calla-te, falsa traidora,
Que não me enganas assim.
Deixa tu vir a manhã,
Que eu é que te heide vestir:
Dar-te-hei saia de grana [3]

---

1 Má traça! moiros o mattem,
Novas me venham a mim. — *Ribatejo.*
Más cutiladas o matem — *Beir'alta.*
2 Pois cunhados são de mim — *Alemtejo.*
3 Dar-te-hei saia de guarane — *Extremadura*, *Beir'alta*, etc.

E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Pois tu o quizeste assim.

—«Deixa-me ir por qui abaixo [1]
Co'a minha capa a cahir,
Vou-me vêr a minha dama
Se ainda se lembra de mim.
«—Tua amada, meu senhor,
E' morta, que eu bem a vi:
Os signaes que ella levava
Eu t'os digo agora aqui:
Levava saia de grana
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Tudo por amor de ti.
Os sinos que lhe correram
Por minhas mãos os corri;
As andas em que a levaram
Eu de negro lh'as cobri;
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim;
Os frades que a acompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Saíram-lhe sete condes, [2]
Cavalleiros mais de mil,
As donzellas a chorar,
Os pagens iam a rir;
Levaram-na a enterrar
A' egreja de San Gil.

---

1 Deixa-me ir por'qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero ver a minha amada
Se é morta ou se ainda é viva.— *Minho*, *Ribatejo*.

2 Foram ao seu sahimento

—«Palavras não eram ditas,
Por morto no chão cahi;
Passaram-se horas e horas
Quando me tornei a mim.
Fui-me áquella sepultura
Queria morrer alli:
Abre-te, ó campa sagrada,
Esconde-me a par de ti!

Do fundo da cova triste
Ouvi uma voz sahir: [1]

«Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu já morri:
Os olhos com que te olhava
De terra já os cobri;
Bôcca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
O cabello que entrançavas [2]
Jaz cahido a par de mim;
Dos braços que te abraçavam
As cannas vêl-as aqui!
Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu já vivi.
A mulher com quem casares
Chamem-lhe *Anna* como a mim,
Quando chamares por ella
Hasde-te lembrar de mim:
Conta-lhe os nossos amores,
Que apprenda na minha fim.
Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mim,

1 Uma triste voz ouvi — *Extremadura.*
2 As tranças com que folgavas — *Açôres.*

Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti.

Dom Francisco

(*S. João d'Airão*— Minho)

A' minha porta troparam:
—Truz, truz! «Quem está ai?
Se é o senhor Dom Francisco,
A porta le vou abrir.
Se é outro cavalleiro,
Lá fóra não posso ir,
Que estou a lavar os pés
Com aguinha de alecrim.

Ao descer da minha escada
Me caiu o meu chapim;
Ao abrir da minha porta
Se me apagou o candil.

Já deu meia noite em ponto,
Outra meia está p'ra dar,
E o senhor Dom Francisco
Sem se para mim virar!
Se é medo dos meus meninos,
Eu não os tenho aqui;
Se é medo dos meus criados
Elles já estão a dormir.
Se é medo do meu marido
Anda por esse Brasil,
Máos lobos por lá o comam,
Más novas cheguem aqui.

—Ai de mim! e ai de ti,
Na hora em que nascestes!
Estás co' marido na cama
E tu não o conheceste.
«Perdôa-me, meu marido,
Que eu tambem te perdoei;
Que isto agora foi um sonho
Que eu esta noite sonhei.
—Deixa vir a madrugada
Que te darei que vestir;
Darei-te camisa alva,
E cordões de cramezim,
Gargantilha p'r'o pescôço,
Que a causastes assim;
Te mandarei enterrar
No convento de Landim.

«Onde vás, oh Dom Francisco,
Seguir a tua jornada?
Se vaes vêr a tua ama,
Já está amortalhada,
=Corre, corre meu cavallo,
A quanto possas correr,
A' porta da minha ama
Eu te darei de beber.
Avança, cavallo, avança,
Quanto puderes avançar;
A' porta da minha ama
Eu te darei de jantar.

«Que fazes, oh Dom Francisco
Que estás a adorar por mim?
Dois filhos lá ficaram
D'antre ti e mais de mim;
Ordena um para padre,
P'ra dizer missa por mim,

DOC 12
(p. 7)

Outro põe-no na eschola
P'ra ser homem como a ti.
Se encontrares outra Anna
Não tão tola como a mim,
Que se perca pelos homens,
Como eu me perdi por ti.

Bernal-Francez

(Versão da Foz e Villa Nova de Gaya)

«Oh quem bate á minha porta,
Quem bate? oh quem está ahi?
—São cravos, minha senhora,
Flores lhe trago aqui!
«Eu não abro a minha porta
A taes horas de dormir.
—Se me não abres a porta,
Morto me acharás aqui.
«Ai se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir...
Se fôr outro cavalleiro
Bem se póde d'ahi ir.
Ao abrir a minha porta
Se apagou o meu candil!
Ao subir a minha escada
Me cahiu o meu chapim.
Peguei n'elle nos meus braços
Levei-o pelo jardim,
Mandei lavar pés e mãos
Em águinha de alecrim;
Vestir camisa lavada,
Deital-o ao par de mim.

Era meia noite dada:

«Não te viras para mim?
Se tu temes a meu pae,
Elle longe está de ti;
Se temes os meus criados,
Elles estão a dormir;
Se temes o meu marido,
Más novas venham aqui.
—Eu não temo a teu pae,
Que elle sogro é de mim;
Não me temo dos criados,
Que mais me querem que a ti;
Não me temo da justiça,
Que a justiça é por mim.
A teu marido não temo
E d'elle nunca temi...
Teme tu falsa traidora
Pois o tens ao par de ti.
«Coitada de mim, coitada,
Na hora em que eu nasci,
Ter o marido na cama,
E não saber parte de mim!
—Cala-te ahi, oh maldita,
Deixa-me agora dormir,
Deixa tu vir a manhã
Que eu te darei de vestir;
Te darei saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois que tu o queres assi.

«—Deixa-me ir por'qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero vêr a minha amada
Se é morta ou se inda viva.
—Que fazeis, oh cavalleiro,
A taes horas por aqui?

—«Venho vêr a minha amada
Que ha dias que a não vi.
—A tua amada, senhor,
É morta que eu bem na vi!
«—Se me desses os sinaes
Havia de cuidar que é assim.
—Os sinaes que ella levava
Eu te los direi aqui:
Levava saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois o ella o quiz assim.
A tumba em que ella ia
Era de ouro e marfim;
Quatro condes que a levavam
Eram mais do que a ti.
Outo arrôbas de cêra,
Allumiavam o seraphim.
Isso de frades e clerigos,
Não tinham conto nem fim;
Ella lá foi enterrada
Na capella de San Gim.

—«Monta, monta meu cavallo,
Quanto poderes montar.
Só n'aquella sepultura
É que eu posso descançar:
Abre-te, oh penha constante,
Que me quero lá meter,
Já que fui o causador
Da minha amada morrer.
Abre-te, penha constante,
Serás minha sepultura:
Se meus ais te não abrandam,
Digo-te, penha, que és dura.
Abre-te, oh penha sagrada,

Esconde-me ao par de ti!
Do fundo da sepultura
Uma triste voz ouvi:

«A mulher com quem casares
Seja Anna como a mim;
E as filhas que tu tiveres
Tem-as semqre ao pé de ti,
Para que não aconteça
O que aconteceu a mim.

(Variante de Santo Ovidio)

De tres filhos que eu tive
Entre ti e entre mim,
Mette um a frade, outro clerigo,
Que digam missas por mim;
A menina a mettas freira
No convento de Bomfim,
Que se não perca por homens,
Como eu por ti me perdi.

Bernal Francez

(Versão de Elvas — ALEMTEJO)

Era meia noite em ponto,
A uma porta batiam.

—Se é Bernardo Francez
A porta lhe vou abrir;
Se é algum dos meus criados,
Todos já se podem ir.

«Sou eu, sim, minha senhora,
A porta me queira abrir.

Ao descer da sua cama,
Lhe cahira o manguil;
Ao abrir da sua porta
Se apagara o candil.
Pegara-lhe pela mão,
E o levara ao seu jardim,
E mui bem o levara
Em agua de alecrim;
Para a sua cama o levara,
E o deitara a par de si.

—Que tendes, Bernardo Francez,
Que tanto pensas em ti,
Que meia hora é passada,
Sem te virares para mim?
Se tens medo aos mouros,
Elles não te combatem aqui.
Se tens medo a meus irmãos,
Elles não estão por aqui.
Se tens medo a meu marido,
Elle longe está de ti;
Mil facadas o matem,
Más novas me tragam d'elle,
E boas m'as tragam de ti.
«Eu não tenho medo aos mouros,
Que elles estão longe de mim;
Nem medo de teus irmãos,
Que cunhados são de mim;
Nem tampouco a teu marido,
Que o tens a par de ti.
—Foi um sonho que sonhei,
Ai, desgraçada de mim!
Que tinha meu amor nos braços

Sem saber que o tinha aqui.
«Socega, que ainda é de noite,
Deixa vir a manhã, sim;
Vestirás saia de lhama,
Roupinha de cramezim.
—Peço-te que me enterres
No adro de San Crispim,

—

«Aonde vaes, Bernardo Francez,
Tão pensativo em ti?
—«Vou vêr a minha dama,
Que ha dias que a não vi.
«A tua dama é já morta,
E morta foi por mim;
As facadas que dei n'ella
Quem m'as dera dar em ti.
—«Eu heide ir áquelle entèrro,
Aonde acostumava ir;
Tanto lhe heide bradar
Que ella me hade acudir.
—Adeus, Bernardo Francez,
Vive tu, que eu já vivi;
Olhos com que te olhava
Já de terra os cobri;
Bocca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem vigor em si.
Se chegares a ter filhas
Ensina-as melhor que a mim,
P'ra que se não percam mulheres
Como eu me perdi por ti.

Bernardo Francez

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Estando eu na minha cama,
No melhor de meu dormir,
Espadas ouvira tocar,
Espadas ouvira tinir:
Se elle é Bernardo Francez
Minha porta vou abrir,
Se elle é outro cavalleiro
Já se pode despedir.

—Sou Bernardo Francez, senhora,
Sua porta vinde abrir.

Indo pela escada arriba
Candieiro se apagaria;
Sentara-o n'uma cadeira
Forrada de panagim;
Lavara-o de pés e mãos
Com rica agua de alecrim;
Vestira-lhe uma camisa
Das que tinha para mim;
Agarrara-o pela mão,
E deitara-o ao pé de mim.
Meia noite que era dada
Sem se elle voltar para mim.

«Que tendes, Bernardo Francez,
Que não vos voltaes para mim?
Ou tendes dama em França,
Ou vos dizem mal de mim?
—Não tenho dama em França,
Nem me dizem mal de ti.

«Se tens medo á justiça,
Ella já hoje esteve aqui.
—Não tenho medo á justiça,
Que eu com ella já falli.
«Se tens medo a meus filhos,
Chiquititos são de ti.
Não tenho medo aos teus filhos,
Que chiquititos são de mim.
«Se tens medo a meu marido,
Elle lá está no Brasil;
Má peste lá o mate,
As novas me venham aqui.
—Não tenho medo a teu marido,
Pois que o tens a par de ti.
«Perdôa-me, meu marido,
Que foi máo sonho que eu sonhi.
—Cala-te lá, oh tyranna,
Que me não levas por ahi.

—

Inda o sol não raiava,
Nem a manhã esclarecia,
Mil facadas lhe daria;
Lá a mandei enterrar
Na egreja de San Penim.

—«Eu vou vêr a minha amada,
Que ainda hoje a não vi.
—A sua amada é já morta,
Porque eu a mati;
As facadas que eu dei n'ella,
Havia eu de dar em ti.
Lá a mandei enterrar
Na egreja de San Penim.
—«Abre-te, cova de flores,
Não te cerres para mim.
«Vive tu, meu namorado,

Vive tu, que eu já morri.
Se tu filha tiveres, bota-lhe
Anna, como a mim;
Quando bradares por ella
Te alembrares de mim.
—«Abre-te, cova de flores,
Não te cerres para mim.
«Vive tu, meu namorado,
Vive tu, que eu já morri.
Se tu filho tiveres,
Bota-lhe o nome de Matheus,
Quando chamares por elle
Te lembrares dos meus.
—«Abre-te, cova de flores,
Não te cerres para mim.
«Vive tu, meu namorado,
Vive tu, que eu já morri.
Braços com que te abraçava
Na sepultura se quebraram;
A bocca com que te beijava
De terra se me arrazava,
Os ollos com que te eu via
De terra se me cobriram;
Vive tu, meu namorado,
Vive tu, que eu já morri.

Bernal Francez

(Versão de Estoi)

«Oilá, oilá! Quem está?
Oilá, oilá, quem está ahi?
—E' Bernal Francez, senhora.
«A porta eu vou abrir.
—Vindes abrir, senhora,

Pelos ladrillos descalça!
—Apagaste o meu candil
Pelo canudo de prata.
—Que me importa a mim, senhora,
Se a luz dos seus olhos basta.

Para o seu jardim o leva,
Levou-o para seu jardim;
Lavou-o de mãos e pés
Em aguas de alecrim;
Fez-lhe uma cama de rosas,
Deitou-o em par de si.
Era meia noite em pino
E ell' sem se virar para si.

«Que tendes, Bernal Francez,
Que te não viras para mim?
Se tens medo de meus filhos,
Elles estão dormindo;
Se tens medo de meus criados,
Elles não estão por ahi;
Se tens medo de meu marido
Longas terras está de mim;
Os mouros o cativem lá,
E más novas me venham aqui.
—Não tenho medo a meus filhos,
Que elles filhos são de mim;
Não tenho medo de seus criados,
Que elles criados são de mim;
Não tenho medo a seu marido
Que aqui o tem a par de si.
«Matae-me, senhor, matae-me,
Em sonho eu sonhei isto!
—Que te mate Deus do céo,
Que te creou para isso;
Mas deixa vir a manhã

Que eu te darei de vestir,
Bom sapato, boa meia,
Gargantilha colorada
E saia de carmezim.

Manhã que chegada era,
Elle que a degolava;
A toda a brida partiu
Montado no seu cavallo;
Indo lá mais adiante,
Um lanceiro que encontrava:

—Adonde vás, oh lanceiro,
Que vas tão cuidadoso em ti?
—«Vou vêr a minha amada,
Que ha muito que a não vi.
—A tua amada já é morta,
E morta, que eu a matei;
Se p'ra isso viesse preparado
O mesmo fizera a ti.
—«Anda, anda, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.

Indo lá mais para diante
Uma alvisão que encontrava;
Elle teve tanto medo
Que fez modos de fugir.

«Não fujas, Bernal Francez,
Não fujas tu já de mim;
Olhos com que te olhava,
Já de terra os cobri;
Bocca com que te beijava
Já de terra a cobri.
Braços com que te abraçava
Já não tem força em si.

À mulher com quem casares
Que se chame Anna, como a mim
Para quando chamares por ella
Te lembrares de mim.

Bernal Francez

(Versão de Faro)

—Já é meia noite dada
Sem te voltares para mi;
Se temes a minha mãe,
Ella não está aqu! ;
Se temes a meu pae,
Tambem não está aqui;
Se temes os meus criados,
Estão a dormir ali;
Se temes os meus filhos,
Fechei-os com sete chaves;
Se temes aquellas armas,
Vou-as já tirar d'ali;
Se temes a meu marido,
Eu na guerra o deixei;
Trinta facadas lhe dêem,
As novas vinham aqui.
«Não me temo á tua mãe,
Que ella sôgra minha é;
Não me temo a teu pae,
Que elle sôgro meu é;
Não me temo aos teus creados,
Que quem n'os paga sou eu;
Não me temo dos teus filhos,
Que elles filhos são de mim.
—Perdôa-me, meu marido,
Que isto foi foi sonho que tive.

Inda bem não era dia.
Muito bem que o sol raiava
Já elle a tinha matado
Com o corpo da sua espada.
Levou saia de crama,
Roupinha de carmezim;
Lá foi para a sepultura
P'r' á egreja de San Gil.
Encontrou um cavalleiro,
E assim lhe perguntou;

«Que procuras cavalleiro?
—«Procuro a minha amada.
«Tua amada já é morta,
Eu mesmo é que a matei;
Levou saia de crama,
Roupinha de carmezim,
Lá foi para a sepultura,
P'r' á egreja de San Gil.
—«Anda, meu cavallo, anda,
Quanto puderes andar,
P'r' á egreja de San Gil,
Lá iremos descançar.
Abre te, oh sepultura,
Abre-te, campa sagrada,
Que me quero ir deitar
Ao lado da minha amada
Aquelle lindo cabello,
Que ella o penteava,
Está todo reduzido
A pó, terra, cinza e nada.
Aquelles seus lindos olhos
Com que ella me olhava,
Agora estão reduzidos
A pó, terra, cinza e nada.
Aquella linda boca

Com que ella me beijava
Agora está reduzida
A pó, terra, cinza e nada.
Aquelles lindos braços
Com que ella me abraçava
Agora estão reduzidos
A pó, terra, cinza e nada.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Bernal Francez

(Versão de Camara de Lobos)

«Quem bate á minha porta,
A ést'hora de dormir?
—Sou Bernal Francez, senhora,
P'ra vos bem qu'rer e servir.
«Pois que és Bernal Francez,
Minha porta vou abrir.

E saltei da minha cama,
Sem cuidar de me vestir;
E fui abrir minha porta
(Nunca la fosse eu abrir):
Apagou-me la candêa,
Lo vento por' li a vir;
Deu-me uma rabanada,
Que estive quasi a cahir;
Meu chapim lá me ficou,
Quando volvi a subir.

Pois que és Bernal Francez,

Minha porta vim abrir.
E lo levei pola mão
A' volta do meu jardim;
Por entre cravos e rosas,
Fui deital-o par de mim.

«Meia noite vae passada,
Outra meia vae em fim:
Bernal Francez, não me fallas,
Nem te voltas perà mim?
Ou dama tens tu em França,
Ou já não gostas de mim.
—Bem sabes, não tenho outra:
Sabes se gostei de ti.
«Se te temes de meu pae,
Mora bem longe d'aqui.
—Não me temo de teu pae;
Quasi pae èlle é de mim.
«Se temes de meus irmãos,
Andam bem longe d'aqui.
—Não temo de teus irmãos,
Que são quasi irmãos de mim.
«Se temes de meu marido,
Longes terras foi d'aqui.
Teme tu, mulher treidora,
Poil lo tens a par de ti.
«Ai, que sonho! feio sonho
Eu sonhei agora aqui!
Inda bem que és meu marido;
Mais te quero que a mim.
Ergâmo-nos já da cama;
Deixa-me vestir d'ahi.
—Cal'-te lá, mulher treidora,
Que não me enganas assim:
Antes do nascer do sol,
Eu te visto de setim;

Gargantilha de coraes,
Que hão de sahir de ti.

«Meu marido me matou
De morte que bem mer'ci.
Quem me vir Bernal Francez
Diga-lhe qu'eu já morri.

—«Aonde ides, cavalleiro,
Tão risonho e gentil?
—Vou-m'a vèl la minha dama
Na egreja de San Gil.
—«Vossa dama lá 'stá morta,
Que morta eu bem na vi.
Entèrro que ella levava
Eu vos vou dizer aqui:
Mortalha que ella vestia
Era de rico setim;
Gargantilha de coraes,
Que lhe saíam de si;
Lo esquife do seu corpo
De veludo e marfim;
Damos que l'acompanhavam,
Tantos que não tinham fim.
Seu marido la matou,
Por 'môr de vós, não de mim.

Palavras não eram ditas,
Por morto no chão cahi;
Passaram horas e horas
Quando eu do chão m'ergui;
E lhe fui á sepultura,
Que qu'ria morrer ali:
=Abre la campa sagrada,
Esconde-me, a par de ti.

Do fundo da cova triste,
Sua voz então ouvi:
«Vive tu, Bernal Francez,
Vive tu, que eu ja morri:
Olhos com que te mirava,
Já de terra los cobri;
Bocca com que te beijava,
Já de terra la enchi:
Cabellos, que me entrançavas,
Já cahiram par de mim;
Dos braços, que te abraçavam
Las canas vê-las aqui;
Corpo, em que te revias,
Já na terra lo perdi.
Mulher com quem tu casares
Tenha lo nome de mim;
Quando tu chames por ella,
Lembrada serei de ti:
Conta-lhe nossos amores,
Aprenda na minha fim.
Vive tu, Bernal Francez,
Vive tu, que eu já morri.

Dom Francêsco

(Versão do Funchal)

«Quem bate á minha porta,
Estas horas de dormir?
—Meu amor, sou Dom Francêsco,
Só agora pude vir.
«Se soubesse, minha porta
Já tinha ido abrir,
Da poeira do caminho
Lavou-se no meu jardim;

Dei-lhe camisa lavada,
E deitei-lo par de mim,

«Meia noite já é dada,
Meia noite pervigil;
Dom Francèsco, não me fallas,
Nem te voltas pera mim?
Conta-me cá, Dom Francèsco,
Disseram-te mal de mim?
—Ninguem; nem eu consentia
Me dissessem mal de ti.
«Se temes los meus irmãos,
Muito ha que los não vi;
Se temes lo meu marido,
Longe foi elle d'aqui.
—Não temo los teus irmãos,
Que são cunhados de mim;
Nem temo lo teu marido,
Que lo tens a par de ti.
«Matae-me, senhor, matae-me,
Que n.orrer bem lo mer'ci.
—Deus do céo assim lo quer;
E' quem tem poder em ti,
«Antes de morrer, deixae-me
A San Gil uma vez ir:
Lá me estão já pae e mãe,
D'elles quero m'espedir.
—Eu sou mestre caçador,
Não me quero desmentir;
Caça que tenho na mão
Não na vou deixar fugir.,
«Antes de morrer, senhor
A confessar deixae-me ir.
—Caça que tenho na mão
Não na vou deixar fugir.
«Deixae-me, senhor, ao menos,

Las minhas roupas vestir.
—Chamem-me lá um coveiro,
Que vá uma cova abrir;
Antes que rompa a manhã,
Terra te hade cobrir;
Cuida tu só da tua alma.
Que vae do corpo sahir;
Manda chamar Dom Francèsco,
P'ra de confissão te ouvir.
«Dom Francèsco não é padre;
Deus lo guarde de cá vir.

Ella então disse ao coveiro,
Quando estava a abrir a cova:
«Escuita cá, oh coveiro:
Por caridade de mim,
Vae procurar Dom Francèsco,
Dize-lhe que eu já morri.
(Lo coveiro foi, e encontrou-se
Com ell', que vinha de caminho):
—«A que vindes, Dom Francèsco,
P'ra estas bandas d'aqui?
=«Venho vêl la minha dama,
Que esta semana não vi.
—«Vossa dama já é morta,
Sua cóva eu lh'abri;
Que la matou seu marido,
Tudo por amor de si.
Com estes ouvidos meus
De sua bocca ouvi
Este recado, que dou
Como d'ella recebi:
«Escuita cá, oh coveiro:
Por caridade de mim,
Vae procurar Dom Francêsco,
Dize-lhe que eu já morri.

Cramou então Dom Francèsco:

=Corre, corre, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.

E lhe fui á sepultura;
E agiolhei ahi.

—«Ai, dama d'esta minh'alma,
Appar'cei-m' agora aqui.
«Ai, damo d'esta minha alma,
Não tomes medo de mim;
Que sou eu aquella mesma
Que por teu amor morri.
Dos olhos, que te miravam,
Las covas só estão aqui;
La bocca, que te beijava,
Só queixadas tem de si;
Dos braços que te abraçavam,
Las canas só não perdi;
Sómente ossos me restam;
Todal las carnes despi.
Não fujas, damo, não fujas;
Por teu amor 'stou assim;
E penas, que vou penando,
Peno-las por amôr de ti:
Eu, de dia, junto lenha,
De noite, qneimo-me a mim
Nas fogueiras infernaes,
Pera sécula sem fim.
Esse filho, que tivemos,
Manda-lhe ensinar latim;
Que vá aprender a padre,
P'ra rezar missas por mim.
Vive, vive, cavalleiro
Vive tu, que eu já morri.

—«Palavras não eram ditas,
Por morto no chão cahi;
Passaram horas e horas,
Acordei, já não na vi.
E, por dôr de meu peccado,
Com que dôr me arrependi!
E, de triste, que fiquei,
Só de tristeza morri.
E, por não ir confessado,
Eu no inferno cahi.
Dama qu'rida da minh'alma,
Aqui estou, vós 'staes aqui;
Ao menos, ardemos juntos
N'estas fogueiras sem fim!

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

Bernal Françoilo

(Versão da Ilha de S. Jorge)

—Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.
«Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.
—Abri aó homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.
«Se é outro no seu logar,
Digo que não quero ir;
Se elle é o Bernal Françoilo,
Descalsa lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,

O levarei ao jardim.
Lavei-lhe pernas e braços
Com agua de alecrim.
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.

Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,
E vós, Bernal Françoilo,
Sem vos virares para mim?
Ou tendes dama em França,
A quem queiraes mais que a mim?
—Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti...
«Não te temas de meu pae
Que é velho, não vem aqui;
Não temas de meus irmãos,
Que inda agora vão d'aqui.
Não temas o meu marido,
Longas terras está d'aqui:
Oh, máos mouros o cativem,
Novas me venham á mim.
—Eu não temo a teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos,
Que são homens com'a mim:
Teme-te do teu marido,
Que o tens a par de ti!
«Se tu és o meu marido,
Que é que me trazes a mim?
—Trago-te saia de grana,
E *bajú* de carmezim;
Gargantilha de cutello,
Pois a mereceste assim.
«Oh lua, que vás tam alta,
Que não quer amanhecer,

Para esta triste coitada
Acabar de padecer.
—Nem com essas, nem com outras
Pois tu me hasde vencer;
Antes da manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.

—Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?
—«Vou a vêr a minha dama,
Que ha muito que a não vi.
—Tua dama já é morta,
E' morta, eu bem a vi.
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim.
Sete cirios accenderam,
Todos sete eu accendi.
—Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim!

Chegando ao pé de uma ermida
Lá um vulto preto vira:

«Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não têm vistas em si;
Beiços com que te beijava
Já não têm sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não têm forças em si.
A mulher com quem casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres

Põe-lhe o nome de mim;
Quando para ella olhares
Para te lembrares de mim.
—Quer eu case, quer não case,
Heide-me lembrar de ti;
Abre lá já essa campa,
Quero-me enterrar comtigo.
«Vive, vive, cavalleiro,
Por amor de ti morri.

Dom Pedro Françoilo

(Variante da Ilha de S. Jorge—Rosaes)

«Alecrim bateu á porta,
Manjerona, quem está aí?
—E' um cravo d'Arrochela,
Oh Rosa, mandae-lhe abrir!
«Se elle é Dom Pedro de França,
Descalsa lhe vou abrir.

Pois se erguera d'onde estava
Descalsa lhe fôra abrir,
Lhe pegara pela mão
O levara ao seu jardim;
Lhe lavara pés e mãos
Com bella agua de alecrim:
Uma gota que ficara
Lavara tembem a si,
Vestira-lhe uma camisa
Como quem vestira a si,
Fizera cama de rosas,
O deitara a par de si.

D.17 (p. 31)

«Era meia noite em ponto,
Outra meia por dormir,
E tu, Dom Pedro Françoilo,
Sem te virares para mim!
Se temes o meu marido,
Longes terras 'stá d'aqui;
Más balas frias o passem,
Novas me venham aqui.
Se tu temes meus irmãos,
Inda agora vão d'aqui!
—Eu não temo o teu marido,
Que o tens a par de ti;
Eu não temo os teus irmãos,
Que são homens como a mim.
Manda chamar teus irmãos
Que te venham a carpir,
Manda chamar thezoureiro
Que dobre os sinos por ti!
Manda chamar o coveiro
Que a cova te venha abrir.
Antes da manhã nascida
Eu quero voltar d'aqui,
Tenho navio no porto
E n'elle me quero ir.
«Oh que sonho seria este
Que agora sonhei aqui?
Se tu és o meu marido
Que me trazes para mim?
—Trago saia de brocado,
Vestido de carmezim.
Tambem trago um punhal de ouro,
Que o quizestes assim;
Quando vier a manhã
Tu já morta jazerias.
«Matae-me, senhor, matae-me,
Pois a morte mereci!

Quando viu coisas tão bellas,
E o sangue pelo chão,
A's mãos tivera quebrado
As cordas do coração.

Elle que vinha saíndo
O cavalleiro encontrou:

—Onde vás, tu, cavalleiro?
Tão penoso vás em ti!
—«Eu vou vêr a minha amada,
Que ha dias que a não vi!
—Tua dama já é morta,
E' morta que eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim!
Com sete tochas accezas,
Todas sete lhe accendí;
Sete missas lhe disseram,
Todas sete eu as ouvi.
Aqui levo pá e enxada
Com que de terra a cobri!
—«Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim?
Abre-te, campa sagrada,
Quero vêr quem está em ti:
Francisquinha da minha alma,
Tu jà moras por aqui?

Indo pelo adro dentro,
Vira um vulto para si:

«Não temas tu, cavalleiro,
Não tenhas medo de mim;
Que eu sou a tua dama,
Sete annos te servi!

D 12
(p 33)

Pernas com que te aguentava
Já calor não têm em si;
Braços com que te abraçava
Já força não têm em si;
Bocca com que te beijava
Já de terra a enchi!
Olhos com que te mirava
Já de terra os cobri.
Mulher com quem tu casares
Não lhe queiras mais que a mim:
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome como a mim;
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim.
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti,
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal-a por ti mais por mim;
Quando puzeres a mesa
Resa-me uma Ave-Maria,
Para bem de me pagares
Sete annos que te servia.

O caso da Francisquinha

(Versão da ilha de S. Miguel—Ponta Delgada)

Rosmaninho bate á porta,
Manjerona: Quem está ahi?
Se elle é Bernaldo Francez
A porta lhe vou abrir;
Se é outro em seu logar
Digo que não quero ir.

Ergui-me da minha cama
Em roda do meu fraldique,
E fui á minha cosinha
Accender o meu candil.
No patim da minha escada
Meu candil se apagou.
Levei o amor pela mão
Ao jardim do atemil;
Lavei-o de pés e mãos
Na agua de alecrim;
Vesti-o de roupa lavada
E deitei-o ao pé de mim.
Era meia noite dada,
Outra meia para vir:

«Bernaldo Francez não falla,
Nem se vira para mim!
Ou elle tem dama em França,
Ou lhe dizem mal de mim.
—Eu não tenho dama em França,
Nem me dizem mal de ti!
«Se temes a minha mãe
Ella não hade cá vir;
Se temes a meu pae
Inda agora vae d'aqui;
Se temes a meus irmãos
Elles não hão de cá vir;
Se temes a meu marido,
Longes terras está d'aqui;
Peixes do mar o comam,
E novas me venham a mim.
—Não me temo a tua mãe,
Que ella sogra é de mim;
Não me temo a teus irmãos
Que cunhados são de mim;
Não me temo o teu marido

Pois o tens ao pé de ti!
«Se tu és o meu marido,
Eu te quero mais que a mim!
—Call'-te d'ahi, falsa Nera,
Não me estejas lijunjando!
Deixa cá vir a manhã,
De ouro te heide vestir,
Hei-te dar saia de gala,
Colete de carmezim,
Gargantilha aclarada,
Pois tu quizestes assim.

«Oh lua, que vás tão clara,
Acaba de amanhecer,
Que a pobre da Francisquinha
Está para ir a morrer.
Quem não tem graça no mundo
Não devia de nascer.
—Levanta-te d'aí para fóra,
Que já basta de dormir;
Vae-te dizer ao coveiro
Que a cova te pode abrir;
Vae-te dizer ao sineiro
Que toque signaes por ti!
Vae dizer a tua mãe
Que te venha a carpir;
Vae-te dizer ás visinhas
Que tomem exemplo por ti,
Que não façam aos maridos
O que me fizeste a mim

. . . .

Sete Condes la levavam
N'um esquife de marfim;

. . . .

=Onde vaes tu, cavalleiro,
São cioso vaes de ti?

«Eu vou vêr a minha dama,
Que ha dias eu a não vi.
—A tua dama é morta,
E' morta, que eu bem a vi,
Aqui levo a pá e o sacho
Com que eu a cova lhe abri.
—«Se a minha dama é morta,
A' cova lhe vou fallar.

A' entrada da agua benta,
Principava a soluçar:

—«Abre te, campa de flôres,
Que eu me quero enterrar
Nos braços de minha querida,
Que me quero sepultar.
«Viva, viva o cavalleiro,
Viva, pois, eu já morri?
Eu estou em graça de Deus,
Não cuides que me perdi.
Olhos com que eu te mirava
Já de neve eu os cobri;
Bocca com que eu te beijava
Já de terra eu a enchi;
Braços com que eu te abraçava
Já em mim os não sinto.
Mulher com quem tu casares
Não lhe queiras mais que a mim,
E filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de Francisquinha;
P'ra quando chamares por ella
Logo te lembrares de mim.
—«Eu não quero casar,
Que eu vou-me metter a frade
No convento de San Gil;
Missas que eu disser

Serão por mim e por ti;
Quando eu por aqui passar
Resarei uma estação
Por alma da Francisquinha
Que morreu sem confissão.
«Adeus, adeus, vae-te embora,
Que me quero despedir,
Que os diabos do inferno
Já estão a puchar por mim.

Bernaldo Francez

(Variante de Ponta Delgada)

—Oh Anninas, oh Anninas!
O teu corpo tão gentil!
Abre a porta ao teu amor,
Como costumas abrir.
«Se isso é Bernaldo Francez,
A porta lhe vou abrir;
Se é outro em seu nome
Elle escusa de cá vir.

Ergui-me da minha cama
Em roda do meu fraldico,
Fui p'ra minha fuminé
Accender o meu candil;
No tôpo da minha escada
Meu candil se apagou;
Eu o tornei a accender,
Elle se tornou a apagar!
Ou isto vae de aporfia
Ou alguem me quer matar;
Ou isto é Bernal Francez

Que commigo quer brincar?
Peguei na mão ao amor,
Levei-o para o jardim,
Lavei-o mui bem lavado
Na agua do alecrim;
Vesti-lhe uma alva camisa,
Deitei-o a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra que estava p'ra vir:

«Que tens tu, Bernaldo Francez,
Que te não viras p'ra mim?
Ou tu tens outros amores,
Ou te dizem mal de mim?
Se tu temes a meu pae,
Elle não pode cá vir;
Se temes a minha mãe,
Inda agora vae d'aqui;
Se temes a meu marido,
Longes terras está d'aqui;
Mil adagadas leve elle,
Novas más venham a mim.
—Eu não temo a teu pae,
Que elle sôgro é de mim;
Nem temo a tua mãe
Que ella sôgra é de mim.
«Pois se meu marido és,
Quero-te mais que á alma minha.
—Cal'-te d'ahi, falsa traidora,
Que isso não vem por ahi;
Vae chamar tuas visinhas,
Que tomem exemplos de ti
Que não façam aos maridos
O que me fizeste a mim.

—

—Onde vaes tu, cavalleiro,

Tão enchido vaes em ti?
—«Vou-me vêr a minha amada,
Ha dias que a não vi.
—A tua amada é morta,
É morta que eu bem a vi;
Aqui trago pá e enchada
Com que a campa eu lhe cobri.
—«Se a minha amada é morta,
A' campa lhe vou fallar.
Abre-te, campa de flôres,
Que me quero enterrar.
«Vive, Bernaldo Francez,
Vive tu, que eu já morri?
Olhos com que te eu mirava
Já de terra se encheriam;
Braços com que te abraçava
Já de terra se encubriram;
Bocca, com que te beijava,
. . . .
Mulheres que tu tiveres
Não lhe queiras mais que a mim;
Filhas que d'ellas tiveres
Chama-lhe Anna, como a mim,
P'ra quando chamares por ellas
Para te lembrares de mim.
Adeus, Bernaldo Francez,
Já estão puchando por mim.

D. 12 (p. 40)

BRASIL

O Bernaldo Francez

(Versão do Rio de Janeiro)

«Quem bate na minha porta,
Quem bate? Quem está ahi?

—E' Dom Bernaldo Francez,
A sua porta mande abrir.

No descer da minha cama
Me cahiu o meu chapim;
No abrir da minha porta
Apagou-se o meu candil.
Eu levei-lhe pelas mãos,
Levei-o no meu jardim;
Me puz a lavar a elle
Com agua do alecrim,
E eu como mais formosa
Em agua de Alexandria.
Eu lhe truxe pelas mãos,
Levei-o na minha cama.
Meia noite estava dando,
Era Dom Bernaldo Francez;
Nem sonava, nem movia,
Nem se voltava p'ra mim.

«O que tendes, Dom Bernaldo?
O que tendes; que imaginas?
Se temes de meus irmãos,
Elles estão longe de ti;
Si temes de minha mãe;
Ella não faz mal a ti;
Se temes de meu marido,
Elle está na guerra civil.
—Não temo dos teus irmãos,
Que elles meus cunhados são;
Não temo da tua mãe,
Que ella minha sôgra é;
Não temo de teu marido,
Que elle está a par comtigo.
«Matae-me, marido, matae-me,
Que eu a morte mereci;

Si tu eras meu marido
Não me dava a conhecer.
—A'manhã, de p'ra ámanhã,
Eu te darei que vestir;
Te darei saia de ganga,
Sapato de berbatim;
Trago-te punhal de ouro
Para te tirar a vida....

«Aonde vae, cavalleiro.
Tão apressado no andar?
—Eu vou vêr a minha dama
Que já ha dias não vèjo.
«Volta, volta, cavalleiro,
Que a tua dama já é morta,
E bem morta que eu a vi:
O tumulo que a levava
Era de ouro e marfim;
As tochas que a acompanhavam
Eram cento e onze mil,
Não fallando de outras tantas
Que ficou atraz p'ra vir.
A tua dama já é morta,
Bem morta que eu a vi,
Se não queres acreditar
Vae na capella San Gil.

—Abre-te, terra sagrada,
Quero-me lançar em ti.
«Pára, pára, Dom Bernaldo,
Por 'mo'de ti já morri.
—Mas eu quero ser frade
Da capella de San Gil;
As missas que eu disser
Todas serão para ti.
«Não quero missas, Bernaldo,

Que são fogo para mim:
Nas filhas que vós tiver
Botae nome como a mim;
Nos filhos que vós tiver
Botae nome como a ti.

GALLIZA

....
Chegando á ver a capilla
de Rodomi.........................
o cabalo se m'espanta;
eu tambén m'espuliñei.
Oin a voz que decia:

«Non teñas, non teñas medo,
non me teñas medo á min,
que son a dama e doncella
qu' algún tempo te servin.
—Se és a dama e doncella
qu' algun tempo me serviches,
por qué non falasm' á min?
Se algún tempo me serviches
por qué non bicas'm á min?
«Os labios que te bicavan
n-a terra xa os metin.
«Abur, caballero, abur,
non podo estar máis aqui,
porque os infernos están
agardando xa por min,
—Se t'agardan os infernos
venderei o meu cabalo
e terei misas por ti.

«Non vendas o teu cabalo,
non teñas misas por min;
cantas mais misas me teñas
mais penas son para min.
—Se por ti agarda o inferno
Venderéi as minhas rentas
e terei misas por ti.
«Non vendas as tuas rentas
nin teñas misas por min,
cantas mais misas me teñas
mais tormentos son para min.
O dia d'a miña morte
mal dia che foi pra min,
por olvidarme de Dios
e por membrarme de ti.
Se te casas, meu soldado,
cásate em Valladoli;
â primer filla que teñas
poñeraslle com' 'a min,
Pra que cand' a chames sepas
acordarte ti de min.

4

A MORENA

(Versão de Castello Branco)

Fui-me á porta da Morena. [1]
Da Morena mal casada:

1 Ergueu se frei Joanico
Um dia de madrugada,
Vestido de ponto em branco
E tangendo sua guitarra,
Foi-se a porta de Morena,
A morena etc.—*Extremadura*

tremadura (n.os 14, 15 e 16) e a versão asturiana (ib., p. 87.) No Folklore betico-extremenho, p. 171 : *Mañanita, mañanita.* Nos *Canti popolari monferrini*, n.º 4 : *La moglie infidele.*

C III 3. **Bernal francez — Dom Francisco — Bernal Françoilo — D. Pedro Françoilo — O caso da Francisquinha** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 36 a 77.) O thema embora autonomo, versa sobre a mesma situação da *Dona Alda* e da *Bella malmaridada*, mas levado ao extremo da emoção pathetica, quando depois da meia noite dada o amante se dá a conhecer como marido. O romance da *Bella mal maridada* — de las mas lindas que yo vi — foi muito conhecido dos poetas portuguezes do seculo XVI, e Gil Vicente que o cita na *Rubena*, tambem o tratou em uma parodia burlesca. O *Bernal Francez* é immensamente vasto na diffusão tradicional; e por essa diffusão se torna explicavel a sua desmembração em duas partes distinctas : uma, quando ella recebe o amante e deita a par de si, até que ao vir da madrugada é degolada pelo marido ; e outra, quando o amante vae visitar a sua sepultura e a sua sombra ou apparição lhe falla. Esta separação já se observa no Romancero general de Duran (n.º 298) na *Adultera castigada*, e no *Palmero* (ib., n.º 292) em que o cavalleiro vem para vêr a sua amada, e lhe dizem que é morta por causa d'elle. Realisa-se na representação poetica popular o pensamento n'este epigramma grego, que foi traduzido em latim :

Omnis mulier odiosa est ; sed habet laeta dua tempora :
Quum jacet in thalamo ; quum jacet in tumulo.

No *Decameron* de Boccacio já se encontram equivocos como o d'este romance, mas em vez de ser no thalamo são no confessionario. Em uma versão insulana vêm estes versos — «Manda chamar teus irmãos — Que te venham a *carpir*.» O uso das *carpideiras* (analogas aos *Voceri* da Italia) já no tempo de D. João I era prohibido por uma Postura da Camara de Lisboa de 1385.

Em um pliego suelto gotico da Bibliotheca nacional de Madrid, vem um : «*Romance de un caballero, como le traen nuevas que sua amiga era muerta.* E' a segunda parte do Romance de *Bernal Francez :*

En los tiempos que me ví
Mas alegre y placentero,
Yó me partiera de Burgos

T. Braga

D. 13 (p 1)

Para ir á Valladolid ;
Encontré con un palmero,
Él me habló y dice asi :

—Donde vas tu, desdichado ?
Donde vas, triste de tí ?
Oh persona desdichada
En mal punto te conocí ;
Muerta es tu enamorada,
Muerta es, que yó la ví.
Las andas en que la llevan
De negro las ví cubrir.
Los responsos que le dicen
Yo los ayudé á decir.
Siete condes la llevaban,
Caballeros más de mil.
Lloraban las sus doncellas,
Llorando dicen así :

=Triste de aquel caballero
Que tal pérdida perdi.=

Do aquesto oyera mesquiño
En tierra muerto cayó,
Desde aquellas dos horas
No tornára triste en mí ;
Desque me hubo retornado,
A' la sepultura fuí,
Con lágrimas de mis ojos
Llorando decia así :

=Acógeme, mi señora,
Acógeme á par de tí=
Al cabo de la sepultura
Una triste voz oí :

D. 13
(p. 2)

«Vive, vive, enamorado,
Vive pues que yó morí ;
Dios te dé ventura en armas
Y en amores así,
Que el cuerpo come la tierra,
Y el alma pena por tí.

(*Antologia*, X, p. 362.)

Em uma versão oral asturiana, com o titulo de

La apparicion

En la ermita de San Jorge
Una sombra obscura ví :
El caballo se paraba,
Ella se acercaba de mi.

«Aonde va el soldadito
A' estas horas por aquí ?
—Voy á ver la mi esposa,
Que ha tiempo que no la ví.
«La tu esposa yá se ha muerto,
Su figura verla aquí.
—Si ella fuera la mi esposa,
Ella me abrazara á mí.
«Brazos con que te abrazaba,
La desgraciada de mí,
Yá los comió la tierra,
La figura verla aquí.
—Si vós fuerais la mi esposa,
No me mirárais así.
«Ojos con que te miraba,
La desgraciada de mí,
Yá me los comió la tierra,
Su figura verla aqui.
—Yo venderé mis caballos,
Y diré misas por tí.
«Non vendas los tus cabellos,
Nin digas misas por mi,
Que por tus malos amores
Agora peno por tí.
La mujer con quien casares,
No se llame Beatriz ;
Cuantas más veces la llames,
Tantas me llamas á mi.
Si llegas á tener hijas,
Ténlas siempre juntó á tí
No te las engañe nadie
Como me engañaste a mí.

(*Antologia*, X, p. 132.)

Versão andalusa, (Ossuna) Ib. p. 122. Folk Lore Frexenenses, p. 171.

D. 13
(p. 3)

No *Romancerilho catalan*, de Milá y Fontanals os dois quadros apparecem tambem divididos, nos n.os 255 e 227 :

1 — La mujer preversa

Yá n'hi trucan á la porta :
«Olá, ola, qui va assi ?
Sabes que fos Don Francisco
Luego l'aniria obri ;
Sabes que fos mi marido
Primero calsá y vesti.
—Don Francisco soy, senyora,
El que l'en solia servi.

En abrintne de la puerta
Ya li apago lo candil.

«Valgame Dios de los cielos
Y lo gloriós San Gil.
—No t'espantis, Marieta,
No t'espantis pera mi.

S'agafan mano per mano,
Los dos s'en van al jardi.
S'en rentan sas carnes blanxas
En aygua de llessami.
S'agafan mano per mano,
Los dos s'en van á dormi.
En sent á la media noche
Ell ne llansa en gran suspir.

«Que suspira, Don Francisco,
Que no ho solia fé 'xi ?
—Yo ahora estaba pensando
Quants hijos tienes de mi ?
«Todos vuestros, Don Francisco,
Tan el gran com el mes xich,
Menos aquell mitjanet
Qu'és del traydó del marit.
—No digas mal del marido,
Que ahora 'l tienes aqui.
Yo ahora estaba pensando
Do que 't faria un vestit,
Un vestit de tela blanca,
Y en el coll un carmesi.

D. 13
(p. 4)

«Antes que tu no me matis
La finestra vuy eixi,
Donzellas, viudas, casadas,
Prenen exemple de mi...

(*Romancerillo*, p. 245).

—

2 — La Condessa muerta

—Ahont anen vos, el bon comte?
Ahont anen tan de matin?
«Vaig á veure la contessa,
Tant de temps que no'ns hem vist.
—La contesa ya n'es morta,
Ya es morta que yo ho puch di,
Qu'el dia del seu enterro
Yo la missa vaig oi.
Las cortinas del palacio
Yo de dol las vaig cubri.
Els infants qu'ella tenie
Yo de dol los vaig vesti.

Al senti aixo'l bon comte,
Passa avant el seu cami.
Ab la ponta de 'l espassa
Ell la fossa li va obri.

«Alsa 't alsa 't, la comtesa,
Qu'el teu comte n'es aqui.
—«Co'm m'alsaré, lo bon comte,
Si sola no'm puch teni.
Casa't, casa't, lo bon comte,
Casa't per amor de mi,
Y la dona que tindrias
Estimala com á mi
Que com pensarás amb ella
També pensarás am mi.
Y tots les fills que tenian
Posa'ls en un monasti.
Posals-hi xiquets, no aprenguin
El mon que cosa vol di.
Fesles di la Pare Nostre
El vespre y el demati.

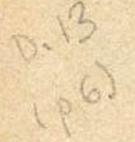
(Ib., p. 193.)

Nigra escreve: «Achando-se esta canção na Italia e em

D. 13
(P. 5)

Portugal, não deve faltar, como de facto não falta, o seu reflexo catalão.» *Canti popol. del Piemonte*, p. 186.) Cita a versão de Pelay Briz: *Mala muller. (Cansons de la terra*, t. II, p. 83.) Na *Antol.*, vol. XII, p. 502, vem uma versão de Chile, provincia de Coquimbo.

O conde Nigra traz na sua opulenta collecção piemonteza duas lições d'este thema *La moglie uccisa* (p. 177) e *Il marito giustiziere.* (p. 183.) N'esta ultima o amante chama-se *Re Inardi*, d'onde talvez se derivou o *Bernal* do romance portuguez, aproximando-nos assim da sua fonte lendaria. Nigra indica o seguinte facto: «Se se quizesse investigar uma base historica para a canção, os personagens a que se poderia com mais plausibilidade applicar-se as partes n'ella narradas seriam o duque de Septimania, Bernardo, e a imperatriz Judith, accusada de adulterio com elle. Bernardo foi no anno de 844 conduzido á morte por ordem, e segundo uma chronica, pela mão de Carlos o Calvo. A imperatriz foi por duas vezes conservada prisioneira, primeiramente n'um convento em Poitiers, depois em Tortona, n'aquella mesma cidade d'onde proveiu uma versão piemonteza do romance. Dom Vaissette nega, porem a authenticidade da chronica, segundo a qual Carlos o Calvo teria apunhalado pela sua mão Bernardo, para vingar a affronta feita ao thalamo conjugal de seu pae. E' indubitavel que Bernardo fosse morto por ordem de Carlos; como é tambem indubitavel a accusação de adulterio com Bernardo feita á imperatriz. O nome de Bernardo corresponde ao de *Bernal* e *Bernardino*. O facto do adulterio é confirmado na canção, como accusação assim tambem na historia.— Se se suppõe a canção nascida na Septimania, esta hypothese explicaria de um lado o appellido de *Francez* dado ao amante, de outro lado a irradiação da canção para a Catalunha, Portugal e alta Italia. Dá-se aqui uma certa concordancia de nomes e de factos. O estudo dos cantos e das tradições populares quando tiver realisados ulteriores progressos, appresentará maiores surprezas, e trará conclusões das concordancias bem menos apparentes do que d'esta.» (*Op. cit.*, p. 187).



A imperatriz Judith, segunda mulher de Luiz o Pio, foi accusada em 830 pelos dois Condes Hugon e Malfrido de adulterio com o camareiro Bernardo, duque de Septimania, conde de Tolosa e de Barcelona. A rainha justificou-se por juramento; Bernardo reptou aos dois Condes, que recusaram o duello sendo mortos por traidores. (Menendez y Pelayo, *Antol.*, XII, p. 274).

As investigações de Lüdtke, de Rajna e de Gaston Paris, filiam por entre os themas historicos o do Conde de Barce-

lona e a Imperatriz da Allemanha, sem que por isso possa negar-se que em seu integro desdobramento e tanto mais quanto mais se aproxima da sua fonte, vem a ser um caso particular de um thema geral *folklorico*, o da esposa innocente perseguida.» *(Ib.*, p. 276).

Transcrevemos o quadro do romance da Lombardia:

Il marito giustiziere

Bel galant diz d'andè a la gu ra,
a la guera, ma a va giüghè
La nõit va tambussè a la porta:

—O bela, venì-me a dürbè.
«Chi tambüssa a la mia porta,
ch'a l'è l'ura dël bun dormi?
—Sun el fiäl do re Inardi;
o bela, veni-me a dürbi.

Cun üna man a dürb la porta,
cun l'autra man l'ambrassa al col.

—Dizi-me 'n poc, o vui, la bela,
lo vost mari duv'è-lo andò?
«Lo me mari l'è andà a la guera;
s'a podéissa maï pi venì.
—Ma stè 'n po' cieta vui, la bela;
vost mari pudria sentí.

Campa giü sua mandriola:
—O guardè 'n poc e chi sun mi?

S'a la campà i genui për tera:
«O me mari, vi clam përdun!
—A j'è pa guiün perdun ch'a tenho,
a j è gniün perdun për vui.

L'à mená-la sür punt de Peifo
s'a vuria campè-la giü
....

(Op. cit., p. 183.)

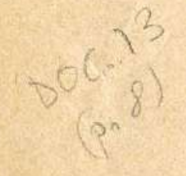
(Bernal francez)

En chevauchant mes chevaux rouges
J'entends le ressignol chanter.
Qui me disait dans son languaige:

Doc. 13 (p 71)

«Tu ris quand tu devrais pleurer,
De la mort de ta pauver' Jeanne
Qu'on est à c't'heure à enterrer.
—T'en a menti, maudite langue,
Car j'étais hier au sa an' lé.
Où c'qu'al' filait sa quenouillette
Su' l'billot dans l'coin du foyer.

Là, quand je fus dedans les landes,
Je sentis les cloches hober;
Et quand je fus dans le cenus'terre
J'entendis les prêtres hucher;
Et quand je fus dedans l'église
Je vis un corps qui reponsait.
Je daubis du pied dans la charse:
—Reveill'vus, Jeanne, s'vus dormez?
—«Non, je ne dors ni ne scumeille;
Je vis dans l'enfer à brûler.
Auprès de moi reste une place,
C'est pour vous, Piar', qu'on l'a gardée.
—Ha, dites-moi plustôt, ma Jeannes,
Comment fair pour n'y point aller.
—«Il faut aller à la grand'messe
Et aux vèpres sans y manquer;
Faut point aller aux fileriès,
Comm' vous aviez d'accoutumé.
Ne faut point embrasser les filles
Sur l'bout du coffre au pied du lect.



Ap. Ampère, *Instructions relatives au Recueil de Poesies populaires de la France.* Acham-se estes contornos mais desenvolvidos em certas versões do Bernal francez.

Ha numerosas versões italianas: *Margherita*, na Rivista de Letteratura popolar e de F. Sabatini, p. 29.—Bernoni, *Canti popolari veneziani: La bella Francese* (Puntata IX, n.º 5.)—Ferraro, *La moglie del soldato*, nos *Canti popolari monferrini*, n.º 6; e 14: *Dona Francen.*—Wolf, *Wolkslieder aus Venetien*, p. 63: *La bella francesse.*— De Puymaigre, *Chants populaires du Pays Messin*, p. 85: *La soldat revenant de guerre*, n.º XXVI.— Nos *Romances tradicionaes dos Judeus do Levante*, n.º 35. (Na *Antologia*, de Menendez y Pelayo, t X, p. 332.)

Du Méril nos Prolegomenos da *Historia da Poesia Scandinava*, p. 466, diz que sobre o mesmo assumpto ha uma ballada dinamarqueza, (*Danske Viser fra Middelalderen*, t. IV,

p. 228, 362 e 363); uma ballada sueca (*Svenska Folk-Visor*, t. III, p. 107) e uma escossesa (*Scotish songs*, London, 1794, t. I, p. 231). A cada investigação se descobre cada vez mais evidentemente a unidade das tradições poeticas da Edade média da Europa.

4. A Morena — A Moreninha — Frei João — Mulher falsa—Marianna — Frade Caçador—(*Romanceiro*, vol. II, p. 78 a 108.) O typo do Frade rascão, goliardo e seductor, querido da tradição popular, tem um logar de destaque na litteratura. *Frei João* é mais antigo que o Don Juan Tenorio.

Gil Vicente traz um conto de *Frei João*, muito chistoso definindo o typo:

Era la Paschoa florida,
En el mes de San Juan,
Cuando la mona parida
Perguntó al sacristan:
Teresica de Robledo,
Que te guarde Dios de mal:
Respondió Pero Pinan
Estae quedo co'a mão,
Frei João, Frei João,
Estae quedo co'a mão.
Padre, pois sois meu amigo,
Quando falardes commigo,
Frei João,
Estareis vós quedo, mas estai vós quedo,
Mas estai vós quedo co'a mão;
Frei João, estai quedo co'a mão.
Perguntaban cual Pirico,
Qual Pinão ou qual Frei João,
Não diria quien era la moça,
Não diria quem, nem quem não.

(*Obras* de Gil Vicente, t. III, p. 323)

Frei João é tão antigo na lenda portugueza, como o Frére Jean des Entommeures do *Gargantua* de Rabalais; se não proveiu d'esta creação comica, foi por certo tirado das aventuras da vida claustral, que em ocio santo e beatifica estupidez era consummida. O retrato do frade da versão popular é similhante ao esboçado em Rabelais: «En l'abbaye estoit pour lors un moine claustrier nommé frère Jean des Entommeures, jeune, galant, frisque, dehait, bien à dextre, hardi, adventureux, delibéré, hault, maigre, bien fendu de gueule,

D. 13 (p. 9)

que digam os passageiros,
Deus te salve mal logrado,
morreste de mal d'amores,
não há mal mais desgraçado.

(cop)

D. Eugénia

— Apeia-te ó cavaleiro,
dera t'eu de merendar?
— ¿Que tens ó D. Eugénia,
guardado p'ra me dar?
— Tenho vinho de há sete anos
para te dar a provar.
— Deita cá um copo dêle
que me quero refrescar.
O cavaleiro bebe o vinho
e começou a desmaiar.
— ¿Que fizeste a êste vinho
que me fez tanto mal?
— Botei-le camisas de queobra
e pós de lagarto moído,
e no meio de tudo isso
foi o rosalgar metido,
cuitada da D. Eugénia
que fica cô' crédito perdido.
— Morre, morre, cavaleiro,
e trata de te confessar,
que inda tenho dinheiro
p'rá tua morte pagar.

DOC. 14
(p. 1)

VINHAIS

João de França

Valha-me Nossa Senhora,
e o cavaleiro S. Gil,
¿que cavaleiro é êste
que me não deixa dormir?

— Eu sou o João de França
que aqui ficara de vir.
— Se tu era lo João de França
a porta t'eu vou abrir.
Chegou ó meio da escada
apagou-se-lh'o candil;
puxou-le por uma mão
ajudou-o a subir,
levou-o p'rá sua cela
deitou-o ó par de si,
meia noite ia andada
sem se virar para si.
— Valha-te Deus, João de França,
pois tu não eras assim?
Meia noite vai andada
não te viras para mim;
se tens mêdo ós meus criados
não são homens para ti,
se tens mêdo ó meu marido,
largas léguas 'stá daqui.
— Não tenho mêdo ós teus criados,
não são homens para mim,
nem tenho mêdo a teu marido,
que aqui está ó par de ti.
— Morte, morte, meu marido,
morte qu'eu bem t'a merci.
— Ah! eu matar não te mato,
mate-te quem te criou,
levo-te a casa de teu pai
p'ra ver que filha me deu.
— Olha, em casa de meu pai
boa filha era eu,
mas nas tuas mãos, cavaleiro,
o mimo me derramou.

DOC. 14
(p. 2)

Rom Minhoto
Pires de Lima
1943

S. Simão de Novais

Bernardo Francês

GARRETT (1) considera o *Bernal francês* uma das mais conhecidas e, provàvelmente, das mais antigas xácaras que o povo canta. Foi apreciadíssimo em Londres, quando, pela primeira vez, o publicou o grande escritor (1828), e logo foi traduzido para inglês.

A versão publicada na edição de 1904 (3) é mais curta, bastante diferente, e é seguida de nova tradução inglesa e de outra espanhola.

Teófilo Braga (2) considera o romance do *Bernal francês* de suposta origem portuguesa.

O *Bernal francês* é o VII romance da colecção algarvia de Ataíde Oliveira (4), que, em aditamento, publicou também uma versão em prosa rimada, em que o rimance, tal qual como ouvimos no Minho, se denomina *Bernardo francês*.

O P. Firmino Martins (9) colheu uma versão em Vinhais, com o título *João de França* e Gonçalo Sampaio (22) publicou a melodia do *Bernal francês*, por êle colhida no Minho.

A nossa versão colhida em S. Simão de Novais difere bastante das de Garrett, mas aproxima-se mais da segunda (3).

Publicamos uma variante dialogada, com o título *Cravelinda*. Trata-se de uma cena de adultério parecida com a do *Bernal francês*. Tem igualmente muito de comum com a *Xá-*

DOC. 15
(p. 1)

cara da Moreninha publicada por Teófilo Braga (2) e que fôra recolhida no Pôrto. A pág. 213, aquêle escritor insere uma nota a esclarecer o tema da *Moreninha,* xácara que anda também na tradição popular da Estremadura e da Beira.

Ataíde Oliveira (4) colheu em Loulé uma versão da xácara *Frei João* e regista os romances *A Morena,* colhida em Faro por Reis Dámaso e duas versões da mesma xácara, fornecidas por J. J. Nunes *(Abre la porta, Morena).*

É muito rica a sinonímia dêste romance: Firmino Martins (9) colheu-o em Vinhais com o título de *Rosa Branca* e, mais tarde (20), publicou outra versão denominada *A Adúltera.*

Francisco Manuel Alves (18) arquivou uma variante de *Frei João,* colhida em terras mirandesas, onde o romance é conhecido por *Dundum.*

O *Frei João* é muito antigo na lenda portuguesa. Leite de Vasconcelos (16) colheu duas versões de *Frei João:* uma em Oliveira de Azemeis em 1876 e outra em Rebordaínhos (Bragança) em 1874.

São variantes do tema da nossa *Cravelinda,* assim como outras duas versões publicadas por Leite de Vasconcelos: *Fr. João 'stava doente* (Mondim da Beira, 1877) e *D. João* e *Dona Maria* (Rebordaínhos).

Com o título *Serafim,* publicamos um fragmento do romance do mesmo tema, o qual fôra colhido pela malograda artista Maria Clementina Pires de Lima.

(p. 2)

BERNARDO FRANCÊS

Ai, quem bate à minha porta,
Ai, quem bate; ai, quem está ai?
Se é o Bernardo Francês,
Minha porta se vai abrir.

Se fôr outro cavalheiro,
Caminha, pode seguir.
Ao abrir a minha porta,
Se me apagou o candieiro.

Levei-o de pés e mãos,
Levei-o para o meu jardim,
Vesti-lhe roupa lavada,
Deitei-o ao pé de mim.
Que tens, Bernardo Francês,
Que te não viras para mim?
Se tu temes o meu homem,
Êle está para o Maranhão.
Mau bicho lhe coma os olhos,
A serpente o coração...
Se tu temes os meus filhos,
Não são homens para ti.
Se tu temes os meus criados,
Êles não estão aqui.
Triste, triste, Francês vinha.
Em que hora tu nasceste!
Tens teu marido na cama,
Ainda não no conheceste:
Deixa vir a madrugada,
Que então darei que contar.
Uma saia ao *gréme-gréme,*
Blusa do grémezim.
Gargantinha degolada,
Que a casasse assim.

Ao passar dos oito dias,
A criada foi ao jardim.
Que queres, Bernardo Francês,
Que andas por aqui assim?
Quero ver a minha amada,
Há muito que não a vi.
A tua amada está morta
Está morta, que eu bem n'a vi,
Gargantinha degolada,
Porque a causou assim.
Monta, monta, cavalinho,
Quanto mais poderes montar.
À campa da Francisquinha
Nós lá havemos de ir parar.
A campa da Francisquinha
Tem uma silva *revés.*
Levanta-te aí Francisquinha,
Anda-me beijar os pés!
Os dois filhos que nós tivemos
Entre mim e entre ti,
Põe um a padre e outro a frade,
Para dizer missas por ti.
Não quero que tu te percas,
Assim como eu me perdi!

CRAVELINDA

(O marido)
Ó feliz, abre-me a porta,
Que eu estou com os pés na geada!
Se não me abres a porta
Não és feliz, nem és nada.

(A esposa)
Como te hei-de abrir a porta,
Ai de mim, que estou, coitada;
Tenho crianças ao peito,
Meu marido à ilharga...

. . . .

(O marido)
Cravelinda, mulher minha,
Quem era que chamavas?

(A mulher)
Era a filha da padeira:
Vinha ver o que amassava,
Se era pão, se era mistura,
Que nem água levava.
Põe-te a pé, marido meu,
Leva os furões à caçada:
Não há coelho melhor
Como é da madrugada...

Quando o marido saiu,
Ela tôda se arreou:
Boa bota, boa meia,
O seu pé lhe *arrebentou;*
Boa sainha de sêda
O ventinho lh'a levou.

DOC. 15
(P 3)

Rom. Minhoto. Pires de Lima. 1943

(O marido)
Donde vens, ó mulher minha,
Tão bela, tão arreiada?

(A mulher)
Venho de ouvir missa nova,
Que Frei João a cantava.

(O marido)
Ó que missa era ela!
Ainda agora lá passei,
Cá fóra não se ouvia nada...
Donde vens, ó mulher minha
Que tanto mudas de côr?
Ou me trouxeste a morte,
Ou tu tens outro amor.

(A mulher)
Eu a morte não na temo,
Que dela hei-de morrer.
Só temo os meus filhinhos,
Que outra mãe não têm de vêr.

(O marido)
Se tu fôras uma mãe
Como devias ser,
Guardavas a lealdade
A quem te dá de comer.

(A mulher)
Marido, se me matares,
Enterra-me na ermida,
Aos pés de Nossa Senhora,
Chamada a Virgem Maria.

(O marido)
Toma lá esta facada,
De todo o meu coração:
Que te não torne a vêr
Nos braços de Frei João!

SERAFIM

Ó, que me *bate* à minha porta!
—Quem é, ou quem está aí?
—São cravos, minha senhora,
Que as rosas não trago aqui...
—Se for o meu Serafim,
A porta lhe vou abrir;
Se não for o Serafim,
Lá abaixo não posso ir...
Vou pela escada abaixo,
Apagou-se-me o *candieiro;*
Botei os olhos p'ró lado,
Avistei o Serafim.
Agarrei nêle nos braços,
Levei-o p'ró pé de mim.
Era meia noite em ponto,
Sem êle se virar para mim.
—Ó, Serafim, tu que tens,
Que te não viras p'ra mim?
Se tu temes os meus filhos,
Meus filhos temem-me a mim.
Se tu temes o meu homem,
O meu homem não 'stá aqui:
'Stá pr'à Serra do Marão...
À vista lhe corta os olhos,
E à beira do coração!
. . . .

(p4)

Col. A Thomaz PIRES
publ A tradição ~~1899~~ (Ano) I - nº 12
(~~2ª ed.~~) pg ~~183~~ serie I ~~Nº~~
Serpa ~~Dez~~ 1899 pg. 183

DOC. 16 (p 1)

Alemtejo

Era meia noite em ponto a uma porta batiam.
- Se é Bernardo Francez a porta lhe vou abrir;
se é algum dos seus criados, todos já se podem ir.
- Sou eu, sim, minha senhora, a porta me queira abrir
O descer da sua cama lhe cahira o anaguil,
o abrir da sua porta se apagára o ~~candeli~~ candeil.
Pegara-lhe pela mão e o levára ao seu jardim,
e mui bem o lavára em agua de alecrim.
Para a sua cama o levára e o deitára a par de si.
- Que tendes, Bernardo Francez, que tanto pensas em ti,
que meia hora é passada e sem te virares para mim?
Se tens medo aos mouros elles não ~~estão por~~ te combatem aqui;
se tens medo aos meus irmãos elles não estão por aqui
se tens medo ao meu marido, elle longe está de ti;
mil facadas o matem, ~~más novas me tragam d'elle~~
más novas me tragam d'elle, e boas más tragam de ti
- Eu não tenho medo aos mouros, que elles longe estão de mim
nem tenho medo a teus irmãos, que cunhados são de mim
nem tão pouco a teu marido que o tens a par de ti.
- Ai! desgraçada de mim foi um sonho que sonhei,
que tinha meu amor nos braços sem saber que o tinha aqui
- Socega, que inda é de noite, deixa vir a manhã sim,
vestirás saia de malha, roupinha de carmelim.

- Peço-te que me enterres no adro de S. Chrispim.
- Onde vaes, Bernardo Francez, tão pensativo em ti?
- Vou vêr a minha dama que ha dias que não vi
- A tua dama já é morta e morta foi por mim
as facadas que dei n'ella quem m'as dera dar em ti!
- Eu hei de ir áquelle outeiro aonde costumava a ir,
tanto lhe ~~de~~ hei de bradar que ella me ha di accudir.
- Adeus, Bernardo Francez, vive tu, que eu já vivi:
olhos com que te beijava, já não tem sabor em si;
braços com que te abraçava, já não tem vigor em si.
se chegares a ter filhas, ensina-as melhor que a mim,
p'ra que se não percam mulheres como eu me perdi por ti

Elvas?

(p. 2)

Publ. A. Thomaz Pires
~~Pub~~l. "A Tradicao".
Año. I. nº 12, pg.183.
Dic. 1899

ALENTEJO.
Elvas

DOC. 17. (p. 1)

-Quem bate á minha porta, Quem bate quem está ahí?
-E'Bernaldo Francez, Sua porta venha abrir-.
Ao abrir da minha porta Se apagou o meu candil;
Ella me pegou na mão, Me levou ao seu jardim,
E lá me lavou os pés Em agua de alecrím;
Levou-me para o seu quarto, Me detou ao pé de si.
-Que tens Bernaldo Francez, Que te disseram de mim?
Que é meia-noite dada Sem te virares para mim;
Se tu tens medo dos mouros, Elles não veem aqui;
Se tens medo da justiça, Ella não virá aquí;
Se receias meus ismãos , Tam pouco virão aquí;
Se receias meu marido,
Más novas me tragam d'elle, Más novas venham a mí.
-Não receio á justiça, Porque nunca a temí;
Não temo a teus irmãos, Que cunhados são de mí;
Nem receio a teu marido, Porque o tens agora aqui.
-Ora bem que isso assim fôra, Que te q'ria mais que a mim!
-Não me enganas já, tyranna, Não me enganas tu a mi.
Deixa vir a manhãsinha Que eu te darei que vestir,
Darei-te saia de lan, Roupinha de carmezi,
Gargantilha encarnada, Porque a quizeste assi.
Brada por tuas damas, P'ra que te venham vestir;
Brada por Bernal Francez, p'ra que te venha acudir.

Bernal Francés

2 versiones del romance
A Tradição - 1899 p. 182b y 183a
colector A Thomaz Pires - Alemtejo -

DOC. 69 (p. 1)

Bernal Frances

F. do c. de Vinhais I, 198

I 224 que sigue con "muerta esta que yo la vi" (con la aparicion)

II ·41

DOC. 75 (p.1)

BERNARDO FRANCÊS

-Quem me bate nesta porta
A esta hora de dormir?
-Sou eu Bernardo Francês
A porta me vinde abrir.

Peguei-o pela mão
Levei-o para o jardim,
Lavei-o bem lavado
Com agua do alecrim,
Por a agua estar bem cheirosa
Lavei-me tambem a mim.

Depois deitei-me na cama
E o puz ao par de mim
A' meia-noite era dada
Sem se virar para mim.

-Que tens, Bernardo Francês,
Quem te contou mal de mim?
Si temes aos meus filhinhos
Não são homens para ti,
Si temes ao meu marido,
Longes terras está de ti
E si temes á justiça
Eu dela te livrarei.

-Eu não temo ao teu marido,
Pois o tens ao par de ti
E não temo aos teus filhinhos
Que meus filhinhos me são
E não temo á justiça
Que esta cá não há de vir.

-Matai-me, senhor, matai-me,
Que a morte vos mereci
Só peço ser enterrada
Na capela de São Luiz

-Cala a boca, Francisquinha,
Deixa de tanto esgrimir
Deixa o dia amanhecer
Que eu te darei que vestir.

Mandai chamar o vigario
Para vos confessar,
Mandai chamar vosso irmão
Para vos acompanhar,
Mandai chamar vosso pai
Para vos abençoar.

....
....

Col. Helio Galvão (s. 1950)
Estado: Rio Grande do Norte, Brasil

Que meia hora é passada
E sem te virares para mim?
Se tens medo aos mouros,
Elles não te combatem aqui;
Se tens medo aos meus irmãos,
Elles não estão por aqui;
Se tens medo ao meu marido,
Elle longe está de ti;
Mil facadas o matem,
Más novas me tragam d'elle,
E boas m'as tragam de ti.
— Eu não tenho medo aos mouros,
Que elles longe estão de mim,
Nem tenho medo a teus irmãos,
Que cunhados são de mim,
Nem tão pouco a teu marido
Que o tens a par de ti.
— Ai! desgraçada de mim,
Foi um sonho que sonhei,
Que tinha meu amor nos braços,
Sem saber que o tinha aqui.
— Socega, que inda é de noite,
Deixa vir a manhã sim,
Vestirás saia de malha,
Roupinha de carmelim.
— Peço-te que me enterres
No adro de S. Chrispim.
— Onde vaes, Bernardo Francez,
Tão pensativo em ti?
— Vou vêr a minha dama,
Que ha dias que a não vi.
— A tua dama já é morta,
E morta foi por mim;
As facadas que dei n'ella
Quem m'as dera dar em ti!
— Eu hei de ir áquelle outeiro,
Aonde costumava a ir,
Tanto lhe hei de bradar,
Que ella me ha de accudir.
— Adeus, Bernardo Francez,
Vive tu, que eu já vivi:
Olhos com que te olhava,
Já de terra os cobri;
Bocca com que te beijava,
Jà não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava,
Já não tem vigor em si.
Se chegares a ter filhas,
Ensina-as melhor que a mim,
P'ra que se não percam mulheres,
Como eu me perdi por ti.

VII

Bernal Francez

(Variante do romance anterior)

— Quem bate á minha porta,
Quem bate quem está ahi?
— E' Bernaldo Francez,
Sua porta venha abrir —.
Ao abrir da minha porta
Se apagou o meu candil;
Ella me pegou na mão,
Me levou ao seu jardim;
E lá me lavou os pés
Em agua de alecrim;
Levou-me para o seu quarto,
Me deitou ao pé de si.
— Que tens Bernaldo Francez,
Que te disseram de mim?
Que é meia-noite dada
Sem te virares para mim;
Se tu tens medo dos mouros
Elles não veem aqui;
Se tens medo da justiça,
Ella não virá aqui;
Se receias meus irmãos,
Tam pouco virão aqui;
Se receias meu marido,
Más novas me tragam d'elle,
Más novas venham a mi.
— Não receio á justiça,
Porque nunca a temi;
Não temo a teus irmãos,
Que cunhados são de mi;
Nem receio a teu marido,
Porque o tens agora aqui.
— Ora bem que isso assim fôra,
Que te q'ria mais que a mim!
— Não me enganas já, tyranna,
Não me enganas tu a mi.
Deixa vir a manhãsinha
Que eu te darei que vestir,
Darei-te saia de lan,
Roupinha de carmezi,
Gargantilha encarnada,
Porque a quizeste assi.
Brada por tuas damas,
P'ra que te venham vestir;
Brada por Bernal Francez,
P'ra que te venha acudir.

VIII

Bella Infanta

Estando D. Adriana
No seu jardim assentada,
Deitou os olhos ao largo
E viu vir 'ma grande armada.
Cavalleiro que vem n'ella
Traz 'ma estrella bem guiada.
Palavras não eram dadas,
O cavalleiro que chegava:
— Bons dias, minha Senhora,
Dê-me, dê-me um copo d'agua.
— Dá-me noticia, Senhor,
Do patrão d'esta casa?
— Diga-me, minha Senhora,
Os signaes que elle levava.
— Levava cavallo branco,
A sélla sobredoirada,
Na ponta da sua lança

Cancioneiro

de

Romances, Xacaras, Soláos

e outros vestigios

Da antiga poesia nacional

Pela maior parte conservados na tradição oral dos povos

E agora primeiramente colligidos

Por

J. B. de Almeida-Garrett.

Começado

1824.

Fotocópia do manuscrito original
1982

VII.

Bernal Francez

1."Quem bate á minha porta,
"Quem bate, oh! quem 'stá ahi?"
2 _"Sou Bernal francez, senhora:"
_"Minha porta vou abrir:
3 Mas se é outro cavalleiro,
Bem se póde d'ahi ir."

4 2. Ao descer da minha cama
Eu rompi o meu frandil,
5 Ao abrir a minha porta
Me apagaram meu candil.

6 3 Eu lhe peguei pela mão
E o levei ao meu jardim;
7 Fiz-lhe uma cama de rosas
Rodeada de jasmins
8 Lavei-o em agua de flores
E deitei-o a par de mim.

9 4_"Meia noite já é dada
Sem te virares p'ra mim!
10 Se teme'-los meus irmãos,
Elles não virão aqui,

Bernaltz

11 5- Se tené-los minhos filhos,
Ellas não virão aqui;
12 Se tené-los meus irmãos,
Elles não entram aqui;

13 6- Se o meu marido temes...
Longes terras foi d'aqui:
14 Má traça, que o mateu Mouros,
Boas novas para mi!"

15 7- "Não temo os teus irmãos,
Pois cunhados são de mi;
16 Não temo as tuas filhas,
Pois que filhas são de mi:
17 A teu marido não temo,
Que elle está ao pé de ti."

18 8- "Se tu és o meu marido,
Quero-te mais do que a mi.
19 Oh que sonho tam estranho
Que eu tive agora aqui!"

20 9- "Deixa tu vir a manhan
Que eu te dou para vestir
21 Um bom saiote de grana,
E gibão de cramezi,
22 Gargantilha de cutello;
Pois o quizestes assi!"

Bernal.

23 10 "Deixa-me ir porque abaixo
Co'a minha capa caída;
24 Vou-me ver a minha amada
Se é morta, ou se é viva."

25 11 "Tua amada, meu senhor,
É morta, que eu bem a vi:
26 Os signaes que ella tinha
Eu t'os digo agora aqui:

27 12 Levava saia de grana
E gibão de carmezi,
28 Gargantilha de cutello;
Tudo por amor de ti.

29 13 O caixão que a levava
Era de ouro e marfim,
30 Os frades que a acompanhavam
Não tinham conto nem fim;
31 A enterrar a levavam
A' egreja de San Gil."

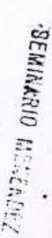
32 14 "Abre-te, ó campa sagrada,
Que a ti me venho carpir;
33 Abre-te ó campa sagrada,
Que em ti me venho encubrir:
34 Quem já não póde viver
A ti se vem acudir!"

D. Bernal.

35 15 – "Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja vivi;
36 Braços com que te abraçava
Ja não teem vigor em si;

37 16 – Olhos com que te mirava
Ja a terra os cubri;
38 Bôca com que te beijava
Ja não tem sabor em si.

39 17 – A mulher com quem casares
Chama-lhe Anna como a mi;
40 Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mi,
41 Que se não percam por homens
Como eu me perdi por ti.

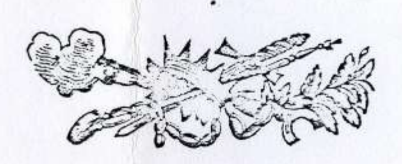




Adozinda,

ROMANCE.

Pelo Auctor da Historia da Lingua e Litteratura Portugueza na Collecção intitulada PARNASO LUSITANO, do Poema CAMÕES, Editor de D. BRANCA, &a. &a. &a.



Londres:
EM CASA DE BOOSEY & SON, BROAD STREET;
E DE V. SALVA, REGENT STREET.

1828.



muitos ensaios estrangeiros que em materias quasi similhantes encontrava todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel senhora de minha particular amizade—a quem é dirigida, por uma especie de retribuição agradecida, a introducção do presente romance—foi quem se incumbiu a rogos meus de me procurar em Portugal algumas cópias d'estes romances populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas-seccas* e cuzinheiras velhas, hoje principaes depositarias d'este genero de archeologia nacional,—galantes cofres, em que para descubrir alguma coisa é necessario esgravatar como o *pullus gallinaceus* de Phedro,—alguma coisa se pôde obter informe, e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas emfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rapsodias ou, mais propriamente, fragmentos de romances ou chacras, todos visivelmente do mesmo stylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar uma amostra do modo por que o fiz, aqui lhe copio um dos mais curiosos, ainda que não dos menos estropiados, e com elle o remoçado ou enfeitado por mim, o melhor que pude e sube sem alterar o fundo da historia e con-

servando, quanto era possivel, o tom e stylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar character d'éstas peças antiquissimas de nossa infancia poetica.

ROMANCE
DE
BERNAL FRANCEZ,

Segundo o canta o povo, por tradição oral antiquissima.

—"Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?"
—"Sou Bernal francez, senhora."
—"Minha porta vou abrir.
Mas se é outro cavalleiro,
Bem se póde d'ahi ir."

Ao descer da minha cama
Eu rompi o meu frandil; *
Ao abrir da minha porta
Me apagaram meu candil.†
Eu lhe peguei pela mão
E o levei ao meu jardim;
Fiz-lhe uma cama de rosas
Rodeada de jasmins;
Lavei-o em agua de flores
E deitei-o a par de mim.

*   *   *   *   *
*   *   *   *   *

—"Meia noite ja é dada
Sem te virares p'ra mim!
Se témel'os meus irmãos,
Elles não virão aqui;

* Candeia, vela, &a.   † Fralda, camisa, &a.

Eu t'os digo agora aqui:
Levava saia de grana
E gibão de cramezi,
Gargantilha de cutello;
Tudo por amor de ti.
O caixão que a levava
Era de oiro e marfim,
Frades que a accompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Ella se foi a enterrar
A' igreja de San Gil."

* * * * *

* * * * *

—"Abre-te, ó campa sagrada,
Comtigo me quer' cubrir."

* * * * *

* * * * *

—"Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja morri.
Braços com que te abraçava
Ja não teem vigor em si,
Olhos com que te mirava
Ja a terra os cubri',
Boca com que te bejava
Ja não tem sabor em si.
A mulher com quem casares
Chame-se Anna com'a mim;
Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens
Como m'eu perdi por ti."

VARIANTES.

Vers. 4. Vossa porta vinde abrir.—*Começando a resposta no verso immediato, e não n'este.*

Vers. 5. Se é outro cavalleiro. — *E'sta variante suppõe aquell'outra.*

Vers. 26. Má traça mate os Mouros.

Vers. 27. Más novas venham a mim! — *Suppõe ésta variante, começar no verso* 26 *a resposta do marido.*

Vers. 40. Boa saia de guarane. — *O que não faz sentido,* porque *guarane* não é palavra portugueza.

Este é o romance original, segundo melhor se pôde haver da tradição. O seguinte é a imitação que d'elle fiz.

ROMANCE

DE

BERNAL E VIOLANTE.

Imitado de uma cantiga popular antiquissima, e no mesmo stylo.

Ao mar se foi Dom Ramiro,
Gallé formosa levava;
Seu pendão terror de Mouros
N'alta poppa tremolava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vai ralado,
Com tantos annos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha
Tam bella como Violante;

4. Bernardo Francês

Estando na minha cama
No melhor do meu dormir,
Ouvi cavallos á porta
E espadas a tinir
— Se é Bernardo Francês,
Minha porta vou abrir;
Se é algum dos seus criados,
Já se póde d'ahi ir
— Eu Bernardo Francês sou, Senhora,
Um criado p'rá servir.

Ella se levantou da cama
Sua porta veio abrir;
Veio de lá um vento norte
Lhe apagou o seu candil.
Ella lhe pegou p'la mão,
O levou ao seu jardim;
Lavou-o com agua de rosas
E depois com alecrim;
E levou-o p'rá sua cama
E deitou-o ao pé de si.
— Que é isso, Bernardo Francês,
O que é isso agora aqui?
Já a meia noite dava (dada?),
Sem te voltares para mim!
Se tens medo àquellas armas,
Eu as vou tirar d'ali;
E se tens medo a meu marido,
Elle não está agora aqui;
Se tens medo aos meus filhos,
Elles filhos são de ti.
— Não tenho medo àquellas armas,
Que eu mesmo as ali prantí [1];
Não tenho medo ao seu marido,

[1] *Pranti* «prantei», isto é «colloquei» É vulgar no Sul terminar em *i* a 1.ª pessoa singular do preterito. — Cfr. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une Diatectologie Portug.*, Paris 1901, pg. 132.

Maria da Conceição Dias, 'Tradições populares do Baixo Alemtejo', Revista Lusitana, XIV, 1911

Que elle em par está de si;
Não tenho medo aos seus filhos,
Que enteados são de mim.
— Perdôa-me, ó meu bom conde,
Perdôa-me por tua alma,
Que na manhã do amanhecer
Era sonho que eu sonhava.
— Deixa estar, tirana ingrata,
Deixa vir a madrugada,
Vestirás camisa d'ouro,
Gorlantilha (gargantilha?) acoleirada.

*

— D'onde vens Bernardo Francês
Com tua capa caída?
— Eu vou vêr a minha dama,
Não sei se é morta se é viva.
— Tua dama já é morta,
Por sinal eu a matí [1],
O mesmo que eu fiz a ella
Devia eu fazer a ti.

— Curre, curre, meu cavallo, curre,
Se não pódes correr, anda.
Quero ter a sepultura
Lá ao pé da minha dama.

Chegando ao pé da sepultura
Lhe bradou: «O' Anna», tres vezes.
— Q'queres tu Bernardo Francês?.
O que queres tu de mim?!
Se a boca com que t'eu beijava
Já de terra a enchi;
E os braços com que te abraçava
Já de terra os liguí [2]
Esses filhos que ahi ficam
São filhos meus, mais de ti:

---

[1] Vid. a nota da pag. 49.
[2] Idem.

Dá-lhe melhor criação
Que o meu pae me deu a mim.
Se algum dia chegares a casar,
Casa com Anna com'a mim,
P'ra quando bradares por ella
Te lembrares de mim.

---

5. **Venturina** [1]

— Abra a sua porta,
Feche o seu postigo,
Dê-me cá um lenço,
Que eu venho ferido.
— Pois se vem ferido,
Venha muito embora,
Que a minha portinha
Não se abre agora.
— A sua portinha
P'ra mim se ha-de abrir,
Sou um triste cego:
Cantar e pedir.
— Acorde, minha mãe,
Acorde de dormir.
Venha ouvir o cego [2]
Cantar e pedir.
— Pois se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Diz ô triste cego
Que siga o caminho.
— Não quero o seu pão,
Tão pouco o seu vinho.
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

---

[1] Este romance é conhecido aqui em Ourique por «Joanninha». A versão que dou é de S. Martinho das Amoreiras.

[2] Na versão d'Ourique:— «Ouça o triste cego».
Desprezei esta, porque está muito estropeada.

Thomas a. Pires. "Romances de Elvas"

 J 1899

dos quaes são em verdade bem extravagantes. Assim, narremos um pequeno facto, que não deixa de ser pittoresco e até picaresco.

Numa noite d'inverno, em volta duma confortavel e poetica lareira alemtejana, achavam-se sentadas varias pessoas, entretendo-se a conversar. Por cima do lume, dentro da chaminé, existia um pau de bellos chouriços, que estavam ali a defumar-se, conforme o costume do Alemtejo. Um dos circumstantes, ao que parece, pouco distrahido com a palestra, entendeu que devia fitar os alludidos chouriços, mirando-os e remirando-os minuciosamente. Mais tarde, depois dessa pessoa se haver retirado, assistiu-se ao curioso espectaculo de ver cahir, um a um, todos os chouriços que se achavam dependurados. Tão extranho fenomeno, não podia explicar-se, segundo a interpretação da lenda, senão por effeito de um mau olhado, que necessariamente emanára da pessoa supramencionada. E casos como este, encontram os leitores quantos queiram, desde que se disponham a procurá-los no vastissimo campo da tradição.

*

A crença ou, para melhor dizer, superstição, que ao de léve ahi deixâmos esboçada, apesar de ter a sua origem em remotas eras, ainda hoje s'encontra muito espalhada entre as camadas populares. Resulta naturalmente d'aqui, ser a benzedeira assaz procurada, pois que a ella costumam recorrer todos aquelles que se julgam victimas do mau olhado.

Benzedura contra o quobranto

A benzedeira sustenta na mão direita um rosario, e acenando para o rosto do enfermo com a cruz do mesmo rosario, vai fazendo cruzes, ao mesmo tempo que profere a seguinte oração:

—«Em nome de Deus e da Virgem Maria, a mão de Deus vá adiante, que a minha não tem valia. José! (se é este o nome no doente) Deus te fez e Deus te creou. Perdoe Deus áquelle que mal te olhou. Se é da cabeça, S. João Baptista; se é dos olhos, santa Luzia; se é do pescoço, Senhor do Horto; se é dos dentes, Santa Apolonia; se é dos braços, Senhor S. Marcos; se é da barriga, Santa Margarida; se é do estomago, Santo Ignacio; se é das pernas, Santo Amaro; se é dos pés, Santo André; se é das costas, Senhora das Brótas; se é das guelas, Senhor S. Braz; se é da cara, Senhora Santa Clara; se é do peito, Senhor do Leito. Em louvor de Deus e da Virgem Maria: Padre Nosso e Ave Maria». (Reza-se um Padre Nosso e uma Ave Maria).

Toda a reza precedente deve ser proferida durante nove dias, e em cada dia nove vezes. No fim de cada sessão, offerece-se a mesma reza á Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christó e aos Santos e Santas que entram na benzedura, «para que sejam servidos de tirar aquelle mau olhado».

Serpa.

LADISLAU PIÇARRA.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

VI

Bernal Francez

Era meia noite em ponto,
A uma porta batiam.
— Se é Bernardo Francez,
A porta lhe vou abrir;
Se é algum dos seus criados,
Todos já se podem ir
— Sou eu, sim, minha senhora,
A porta me queira abrir —.
O' descer da sua cama
Lhe caíra o ananguil,
O' abrir da sua porta
Se apagára o candeil.
Pegara-lhe pela mão
E o levára ao seu jardim,
E mui bem o lavára
Em agua de alecrim.
Para a sua cama o levára
E o deitára a par de si.
— Que tendes, Bernardo Francez,
Que tanto pensas em ti,

A. Rodrigues de Azevedo, Romanceiro do Archipelago da Madeira, (Funchal, 1880) (Indice de temas pan-hispánicos)

Santa Irene 17-20
Santa Teresa 31-33
Rico Franco 57-62
Gerineldo 63-72
Canción del huérfano 74
Conde Claros y la infanta (radicalmente alterado) + Canción del huérfano 72-77
Conde Claros y la infanta + Canción del huérfano + Prisionero 78-81
Conde Cláros insomne + Conde Claros y la infanta 81-98
Conde Claros y la infanta 99-103
Adúltera (6) 103-107
Delgadina 107-112
Silvana + Delgadina 112-115
Novia abandonada + No me entierren en sagrado 115-118
Conde Olinos + Novia abandonada + Conde Olinos 118-127
Conde Alarcos 127-141
Bernal Francés + Aparición 141-150
Mala hierba 150-155
Infanta deshonrada + Conde Claros fraile 156-158
Doncella guerrera 159-172
Conde Alemán y la reina 172-185
Doña Oliva 185-190
Don Duardos + Flérida 191-201
Bella Infanta + Cautivo del renegado 202-204
Búcar sobre Valencia 204-210
Hermanas reina y cautiva 211-219
Cautivo del renegado 221-229
Fiebre amarilla 234-237
Nau Caterineta 238-249
Muerte del príncipe de Portugal + No me entierren en sagrado 249-251
Muerte del príncipe de Portugal 251-253
Raptor pordiosero 254-256
Linda pastora 257-261
Frei João 262-273
Dama y el segador 285-286
Infantina + Caballero burlado (radicalmente elaborado) 340-360
Infantina + Caballero burlado + Don Bueso y su hermana 360-363

AMELIA

Versión de MANTECA ?

Col. Manuel Fontes
Recit Maria Luísa Freitas (nacida en 1901 en Ponta Ruiva, Flores) 27-12-1970

-Francisquinha, Francisquinha, abre-me a tua porta,
2 ó a tua janelinha.
-Se é o conde d'Afrançoira, a porta lhe vou abrir,
4 se é outro no lugar dele, são horas de ir dormir.-
Ao abrir a sua porta o seu candeiro lh'apagou.
6 Lhe pegara pelo braço, ao seu quarto a levou.
Quando chegaram ao quarto nem um nem outro falou.
8 -Não temes é os meus filhos, foi coisa que eu nunca tive;
não temes o meu marido, longes terras está daqui,
10 as más mouras o retalhem e nova me tragam a mim.
-Teme tu o teu marido que o tens ao pé de ti.
12 -Mata, mata, meu marido, que há tanto eu tenho merecido.
-Não te mato, mulher minha, mas antes de amanhecer
14 eu hei-de talhar um corpete, uma saia de cambraia,
e um cotão desfalecido.
16 -Oh lua, que assim vais alta, que não queres amanhecer,
p'ra esta triste coitada acabar de padecer! -
18 Fora chamar o coveiro e uma moeda lhe dei
para ele a ir enterrar ao pé do seu lamoeiro.
20 -P'ra onde vais, oh cavaleiro, que tanto intento em ti?
-Eu vou ver a minha dama, que há tanto que eu não a vi.
22 -Tua dama já é morta, que eu morta bem na vi:
olha a pá e a enxada, terra com que a cobri.
24 -Volta, volta, meu cavalo, vamos a ver se é verdade.
Abre-te, sepultura segrada, quero-me encerrar em ti.
Veve, veve, oh cavaleiro, veve tu que eu já morri:
26 ~~-Vevé tu, que eu já morri,~~ ~~a mulher que tu tiveres,~~
a mulher que tu tiveres, não lhe queiras mais que a mim.
~~não lhe queiras mais que a mim.~~
26 -Arreda, arreda, cavaleiro, que ele já puxa por mim
os diabos do inferno para séculos e sem fin!-

FRANCISQUINHA, FRANCISQUINHA

--Francisquinha, Francisquinha,
Francisquinha, meu amor.
Mas ao descer da escada,
Apagou-se o candeeiro.
--Eu peguei-le pel'um braço,
Levei-o ao meu jardim;
Eu lavei-le a cara com rosas
E os pés com alecrim;
Vesti-le roupa lavada,
E deitei-o a par de mim.
Era meia noite andada
Sem ele se virar para mim.
--Se tu és o meu marido,
Marido, que é que me trazes?
--Trago-te saia de seda,
Um várgio de carmesim,
Gargantilha e um cutelo,
Pois tu o mereceste assim.
--Ah lua que vais tão alta,
Sem quereres amanhacer;
Coitada a pobre desgraçada,
Tanto tem que padecer.
--Manda chamar tua mãe,
Que venha chorar por ti;
Manda dizer ao tisoureiro,
Que toque sinal por ti;
Manda dizer ao coveiro,
Q'aibra a campa para ti.
--Onde vais tu, cavaleiro?
Furioso vais em ti.
--Vou-me ver a minha dama,
Qu'há que tempos não a vi.
--A tua dama já é morta,
É morta, que eu bem a vi:

Aqui vai a pá, enxada,
Terra com qu'eu a cobri.
Padres que a acompanharam,
Nunca tanto padre vi;
Cera que a alumiou,
Nunca tanta cera vi.
Lovava trajes de seda,
Um várgio de carmesim,
A gargantilha e um cutelo,
Pois ela o mereceu assim.
--Anda, volta, meu cavalo,
Vê se isto é assim.
Antrando pelo adro dentro,
Começando de chorar:
--Abre-te, campa de flores,
Eu quero-me lançar em ti;
Vou vender o meu cavalo,
Para te tirar daí.
--Não vendas o teu cavalo,
Já nã me tiras daqui;
'Tou metida no inferno
Para sécula sem fim.

Recited by Mrs. Maria Isabel Tomé on 11 April 1975 in San Diego. Vide her version of D. Pedro Foi à Caça. She learned this ballad with her mother.